

Prevalência e fatores associados à vitimização da violência de gênero e discriminação entre professores

Prevalence and factors associated with victimization of gender-based violence and discrimination among teachers

Prevalencia y factores asociados a la victimización por violencia de género y discriminación entre profesores

Rafaela Breansini

rafaela.breansini@unochapeco.edu.br

 <https://orcid.org/0009-0000-8778-9822>

Jucimar Frigo

 <https://orcid.org/0000-0003-0572-1352>

Vanessa da Silva Corralo

 <https://orcid.org/0000-0003-4234-4875>

Revista de Pesquisa Cuidado é
Fundamental Online vol. 18 e-14524
2026

Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro
Brasil

Recepción: 02 Diciembre 2025
Aprobación: 04 Febrero 2026

Resumo: Objetivo: identificar a prevalência e os fatores associados à vitimização da violência de gênero e discriminação entre professores de uma universidade do oeste de Santa Catarina. **Método:** pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória, realizada com 30 docentes da Unochapecó, que responderam a questionários online sobre dados sociodemográficos e percepção da violência, com base na adaptação da escala de discriminação no dia a dia. **Resultados:** entre os participantes, 63,3% eram mulheres, 93,3% brancos, 36,7% tinham entre 29 e 38 anos, 83,3% heterossexuais, 60% casados e 73,3% cristãos. Quanto à percepção da violência, 63,3% relataram ser tratados com menos gentileza, 56,6% com menos respeito e 36,6% sofreram ataques à reputação no ambiente universitário. **Conclusão:** a violência e a discriminação de gênero persistem no ambiente universitário, afetando principalmente mulheres e minorias. Ações contínuas, como o projeto Acolhe Uno, são essenciais para promover respeito e inclusão.

Palavras-chave: Universidade, Violência de gênero, Discriminação, Professores.

Abstract: Objective: to identify the prevalence and factors associated with gender-based violence and discrimination among university professors in western Santa Catarina. **Method:** a quantitative, descriptive, and exploratory study was conducted with 30 teachers from Unochapecó, who answered online questionnaires on sociodemographic data and perceptions of violence, based on an adaptation of the Everyday Discrimination Scale. **Results:** among participants, 63.3% were women, 93.3% white, 36.7% aged between 29 and 38 years, 83.3% heterosexual, 60% married, and 73.3% Christian. Regarding the perception of violence, 63.3% reported being treated with less kindness, 56.6% with less respect, and 36.6% reported attacks on their reputation within the university environment. **Conclusion:** gender-based violence and discrimination remain present in the university context, mainly affecting women and minorities. Continuous initiatives, such as the Acolhe Uno project, are essential to promote respect and inclusion.

Keywords: University, Gender-based violence, Discrimination, Teachers.

Resumen: Objetivo: identificar la prevalencia y los factores asociados a la victimización por violencia de género y discriminación entre profesores de una

universidad del oeste de Santa Catarina. **Método:** investigación cuantitativa, descriptiva y exploratoria, realizada con 30 docentes de la Unochapecó, quienes respondieron cuestionarios en línea sobre datos sociodemográficos y percepción de la violencia, basados en la adaptación de la escala de discriminación cotidiana. **Resultados:** entre los participantes, el 63,3% eran mujeres, el 93,3% blancos, el 36,7% tenía entre 29 y 38 años, el 83,3% heterosexuales, el 60% casados y el 73,3% cristianos. En cuanto a la percepción de la violencia, el 63,3% informó haber sido tratado con menos amabilidad, el 56,6% con menos respeto y el 36,6% sufrió ataques a su reputación en el entorno universitario. **Conclusión:** la violencia y la discriminación de género persisten en el ámbito universitario, afectando principalmente a mujeres y minorías. Acciones continuas, como el proyecto Acolhe Uno, son esenciales para fomentar el respeto y la inclusión. Palabras clave: Universidad, Violencia de género, Discriminación, Profesores.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as universidades assumem um papel ainda mais importante para com a comunidade, pois se trata de uma instituição cuja finalidade é proporcionar conhecimentos, habilidades e atitudes. Entretanto, nos últimos anos o ambiente universitário vem se transformando, e atos de violência e discriminação, sejam eles verbais ou físicos, entre professores ou para com os mesmos, têm se tornado uma atitude corriqueira nos espaços educacionais em todo o mundo.¹

Violência, para a Organização Mundial de Saúde (OMS), caracteriza-se pelo uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.²

Associa-se, ainda, que a violência se caracteriza como grave problema de saúde pública em diversos países, liderando o registro dos agravos à saúde em diferentes países, tendo grande relevância para profissionais de saúde. Em todo o mundo, a cada ano, mais de um milhão de pessoas perdem a vida e muitas outras sofrem ferimentos não fatais resultantes de autoagressões, agressões interpessoais ou de violência coletiva, estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos.²⁻³

Com relação à discriminação cotidiana, define-se como a avaliação de uma ação injusta ou imerecida, explicada pela pertença de uma pessoa a um grupo socialmente estigmatizado em diferentes contextos e ambientes.⁴ A discriminação cotidiana sugere uma percepção, mais aberta ou mais sutil, que pode estar relacionada com uma variedade de fatores, tais como o gênero, a orientação sexual, a raça e/ou etnia e aspectos de aparência física.⁵

É oportuno enfatizar que, o panorama mundial é permeado pelo aumento da violência e discriminação, e as universidades buscam desenvolver pesquisas sobre a temática, considerando que são fenômenos sociais, complexos, multicausais e históricos que atingem toda a sociedade em diferentes graus. As reflexões acerca desta temática, favorecem a busca de soluções e estratégias visando minimizar o fenômeno da violência e discriminação, sendo importante o envolvimento de diferentes setores e ações na operacionalização das estratégias de prevenção e intervenções.⁶

Outro aspecto presente neste cenário abrange as tipificações de violência que permitem identificar a experiência violenta e compreender as perspectivas dos envolvidos. Isso ocorre porque, como uma experiência é percebida, está diretamente ligada à maneira como é sentida e reconhecida.⁷ Deduz-se assim que a percepção e o

conceito da violência, a partir dessas categorizações, pode ser compreendido como uma ruptura dos diferentes tipos de integridade (física, sexual, emocional e moral).⁸

Ressalta-se que os processos de violência culminam em diferentes tipos de atos violentos, entre os quais se destacam as agressões físicas, os delitos e as microviolências.⁹ Na prática, as agressões físicas envolvem intervenções de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outra pessoa, grupo ou até contra si. Os delitos, por sua vez, correspondem a que infringem o arcabouço normativo vigente também fora do ambiente universitário. Por fim, as microviolências representam tanto o desrespeito às normas universitárias quanto as reiteradas agressões, geralmente, verbais e pouco reconhecidas como formas de violência.

É importante ressaltar que a violência contra professores no cenário universitário, se expressa como uma prática complexa e desafiadora, por envolver aspectos como medo, insegurança, sintomas físicos e emocionais, níveis elevados de estresse, relacionamentos pessoais deteriorados, assim como desempenho insatisfatório no trabalho.¹⁰ É oportuno enfatizar, também, a pesquisa desenvolvida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que demonstra que o Brasil tem 2,6 milhões de professores e lidera o ranking global de agressões contra educadores.

A violência, frequentemente, é evidenciada pelos professores na própria instituição de ensino superior, por vezes de forma natural, simbólica ou invisível. Apresentando uma variedade de comportamentos no local de trabalho, sob as formas de violências por discriminação, indiferença, criminalidade, assédio moral e até na desistência em ensinar e aprender.¹¹

No Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde, definem que o 'uso do poder' também serve para incluir negligência ou atos de omissão, além de atos violentos mais óbvios de perpetração. Assim, 'o uso da força física ou do poder' deve ser entendido para incluir a negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos de autoabuso.²

A violência de gênero, especialmente, está presente em todos os cenários, públicos ou privados, e as manifestações dela também ocorrem nas universidades, sendo esses ambientes ainda hostis para as mulheres, principalmente. Além das violências físicas e sexuais, no ambiente universitário os desequilíbrios e assimetrias se apresentam de formas mais ocultas, resultando em violências morais e psicológicas que têm repercussão no aprendizado, desempenho acadêmico de estudantes e na atuação profissional de professoras e funcionárias.¹¹

Neste cenário, a discriminação cotidiana envolve práticas injustas e recorrentes nas relações interpessoais em diferentes ambientes, incluindo manifestações de tratamento desrespeitoso e menosprezo.¹ De uma forma global, a discriminação encontra-se associada a níveis

mais baixos de desempenho acadêmico e laboral, de saúde física e psicológica, bem como de autoestima e de satisfação com a vida.^{5,12}

Diante da complexidade da violência, especialmente no contexto acadêmico, surgiu o Projeto Acolhe Uno, com foco na responsabilidade da universidade na prevenção e enfrentamento da violência de gênero. O projeto abrange não apenas o espaço físico do campus, mas também ambientes virtuais, a comunidade acadêmica e as múltiplas relações institucionais. Construído por equipe interdisciplinar, visa promover diálogos e ações de cuidado, educação e prevenção às situações de violência de gênero no ambiente universitário.

Dessa forma, emergiu a seguinte inquietação: qual a prevalência e presença da violência de gênero e discriminação, entre professores de uma universidade no oeste do estado de Santa Catarina?

Posto isso, o objetivo deste estudo, que fez parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, foi identificar a prevalência e fatores associados à vitimização da violência de gênero e discriminação entre professores de uma universidade no oeste do estado de Santa Catarina.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória, que coleta e analisa dados numéricos para identificar relações e estruturas dinâmicas da realidade estudada.¹³ O estudo foi realizado na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, instituição comunitária, pública não estatal, sem fins lucrativos e de gestão democrática, fundada na década de 1970 (FUNDESTE), que atualmente oferece cerca de 50 cursos de graduação e mais de 6 mil bolsas anuais.¹⁴

Segundo o Relatório de Sustentabilidade 2022, o Campus Chapecó conta com 367 docentes. Os participantes elegíveis eram professores com mais de 18 anos e vínculo efetivo na graduação. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Unochapecó (CAAE nº 6.761.434).

A coleta ocorreu entre 29/04/2024 e 28/07/2024 por meio de convite online via e-mail institucional contendo objetivos e link do estudo. Após o aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o participante era direcionado a questionário semiestruturado (Google Forms[®]), com duração média de 15 minutos.

Os dados foram obtidos a partir da *Everyday Discrimination Scale* (EDD), adaptada ao contexto local para identificar a frequência de eventos de violência e discriminação.¹²

O estudo seguiu os critérios éticos da Resolução nº 466/2012 do CNS¹⁵ e orientações da CONEP.¹⁶ Para preservar anonimato, foram usados pseudônimos (ex.: P1, P2, P3), com respostas confidenciais e

acesso restrito aos pesquisadores, seguindo as medidas de segurança da plataforma Google Forms[®].

RESULTADOS

O presente estudo foi composto por 30 professores do *Campus* Unochapecó, ano de 2024, sendo 63,3% do gênero feminino e 36,7% do gênero masculino. A pesquisa revelou um perfil de 19 professores (63,3%) do gênero feminino, 28 sendo de raça / etnia branca (93,3%), 11 professores na faixa etária entre 29 a 38 anos (36,7%), a maioria heterossexuais (83,3%) totalizando 25 professores. Além disso, 18 dos respondentes casados (60%), e 23 praticantes do cristianismo (73,3%),.. Em se tratando das características físicas, 15 professores possuíam altura entre 1,61 e 1,70 metros (50%), e em relação ao peso corporal 09 professores com peso entre 60 e 69 kg (30%). A Tabela 1 a seguir, ilustra os achados da pesquisa.

Tabela 1Características sociodemográficas dos professores (n= 30) no *Campus Unochapecó*, 2024.

Dados sociodemográficos	n	%	Dados sociodemográficos	n	%
Identidade de gênero			Religião		
Mulher	19	63,3	Cristianismo	23	76,6
Homem	11	36,7	Ateu	2	6,7
Altura			Não profecia religião	1	3,3
Entre 1,61 e 1,70	15	50	Não tem religião	3	9,9
Entre 1,50 e 1,60	6	20	Agnóstico	1	3,3
Entre 1,81 e 1,90	5	16,7	Orientação sexual		
Entre 1,71 e 1,80	4	13,3	Heterossexual	25	83,3
Peso			Homossexual	5	16,7
60 a 69	9	30	Estado civil		
70 a 79	8	26,7	Casado	18	60
80 a 89	5	16,7	Solteiro	8	26,7
90 a 99	4	13,3	União estável	4	13,3
50 a 59	3	10	Idade		
40 a 49	1	3,3	29 a 38	11	36,7
Cor da pele / raça			39 a 48	9	30
Branco	28	93,3	49 a 58	5	16,7
Pardo	1	3,3	≥ 59	4	13,3
Preto	1	3,3	18 a 28	1	3,3

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

Dados expressos em número (n) e porcentagem (%).

No que tange às características individuais da violência, 63,3% dos professores relatam que, em algum momento, foram tratados com menos gentileza que outras pessoas ao longo do ano. Vale ressaltar também que 56,6% dos professores foram tratados com menos respeito que outras pessoas algumas vezes no ano. Além disso, 36,6% dos professores relataram sofrer ataques à reputação no ambiente universitário. A distribuição detalhada da amostra está apresentada na Tabela 2.

Tabela 2Características individuais de discriminação e violência de gênero (n= 30) no *Campus Unochapecó*, 2024.

Dados questionário	n	%	Dados questionário	n	%
Você tem sido tratado com menos gentileza que outras pessoas?			As pessoas têm agido como se pensassem que você é desonesto?		
Algumas vezes por ano	8	26,7	Algumas vezes por ano	2	6,7
Menos que uma vez por ano	10	33,3	Menos que uma vez por ano	6	20
Algumas vezes por mês	1	3,3	Algumas vezes por mês	1	3,3
Nunca	11	36,7	Nunca	21	70
Você tem sido tratado com menos respeito que outras pessoas?			Você tem sido chamado por outros nomes ou insultos?		
Algumas vezes por ano	6	20	Algumas vezes por ano	1	3,3
Menos que uma vez por ano	10	33,3	Menos que uma vez por ano	6	20
Algumas vezes por mês	1	3,3	Algumas vezes por mês	1	3,3
Nunca	13	43,3	Nunca	22	73,3
Você se sente/é ridicularizado, caluniado ou difamado?			As pessoas têm agido como se fossem melhores que você?		
Algumas vezes por ano	5	16,7	Algumas vezes por ano	10	33,3
Menos que uma vez por ano	8	26,7	Menos que uma vez por ano	5	16,7
Algumas vezes por mês	1	3,3	Algumas vezes por mês	1	3,3
Nunca	16	53,3	Pelo menos uma vez por semana	1	3,3
			Nunca	13	43,3
Você recebe ataques à sua reputação dentro do ambiente universitário?			Você tem sido ameaçado ou assediado?		
Algumas vezes por ano	1	3,3	Algumas vezes por ano	3	10
Menos que uma vez por ano	7	23,3	Menos que uma vez por ano	4	13,3
Algumas vezes por mês	2	6,7	Algumas vezes por mês	1	3,3
Pelo menos uma vez por semana	1	3,3	Pelo menos uma vez por semana	1	3,3
Nunca	19	63,3	Nunca	21	70

Desenvolvido pelas autoras (2024).

Dados expressos em número (n) e porcentagem (%).

O desvelamento dos dados reitera que, a discriminação e a violência de gênero são conceituadas pelo comportamento desrespeitoso, exclusão e/ou segregação e a invalidação da voz e vez, conforme trechos dos relatos a seguir:

É quando por algum motivo ocorre um ato de discriminar, diferenciar as pessoas em seus mais diversos âmbitos (P9)

Situações explícitas de violência física ou agressão verbal em que o gênero da pessoa faz diferença para o agressor. Situações de invalidação, em que as pessoas não são escutadas, suas opiniões não são validadas [...] (P8)

Quando é feita distinção injusta ou preconceituosa entre pessoas por causa do gênero. Ex: quando uma pessoa recebe um salário menor do que outra numa mesma função por causa de seu gênero (P6)

Convém, ainda, registrar que, na discriminação e a violência de gênero, sempre haverá vítimas principais, conforme relatam os pesquisados a seguir.

Sim. A discriminação é histórica e está arraigada nas entranhas da sociedade brasileira. Se materializa de diferentes formas e se manifesta sempre que há alguém vulnerável. Mulheres, negros, índios, imigrantes, pessoas com orientações sexuais diferentes daqueles estabelecidos. (P4)

Sim, mulheres e pessoas LGBTQ+, sobretudo quando atravessadas por outros marcadores sociais (raça, classe, etnia, geração, nacionalidade, etc.). (P5)

As vítimas principais geralmente são mulheres! Capacidade de desempenho no trabalho questionada sobretudo se for mãe! Capacidades familiares questionadas também, como sendo insuficientes. (P2)

A respeito das boas práticas para coibir a discriminação e a violência de gênero contra os professores, merecem destaque as falas a seguir:

Fomentar a cultura da diversidade, o reconhecimento da autonomia docente, a liberdade de cátedra e a pluralidade de ideias. (P3)

[...] Seria importante que as mulheres fossem encorajadas a assumir cargos de liderança, assim como se posicionarem e se expressarem mais. O que mais vejo atualmente são professores que têm um discurso de igualdade de gênero, mas invalidam professoras, desrespeitam gestoras, se protegem a todo custo, acobertam situações e tiram vantagem das suas posições. [...] Qualquer mulher que expressar isso será considerada com mania de perseguição, descontrolada, nervosa [...]. (P1)

Melhorar a educação, políticas claras, igualdade salarial, redes de apoio. (P10)

Ações contínuas com funcionários e alunos, de conscientização, bem como advertências e punições quando ocorrerem casos do tipo. (P7)

DISCUSSÃO

Dessa forma, ficam evidentes, a partir dos resultados apresentados, importantes aspectos relacionados ao perfil sociodemográfico relacionado principalmente às mulheres professoras, que representam a maioria das respostas (63,3%). Historicamente, as mulheres precisaram de apoio judicial para ingressar no ensino superior e somente no ano de 1879, a partir do Decreto n.º 7.247/1879, as

mulheres foram autorizadas a frequentar e cursar o ensino superior no Brasil.¹⁷ Apesar disso, “a universidade se apresenta como um espaço hierárquico onde podem ser gerados comportamentos e atitudes que, com o desejo de manter a distinção de categorias, marcam superioridade, mesmo à custa do desconforto que geram em seus interlocutores”.¹⁸

Corroborando, os achados da Tabela 2 mostram que, entre os respondentes, 63,3% relataram ter sido tratados com “menos respeito”, 56,6% com “menos gentileza” e 36,6% sofreram “ataques à reputação”. A prevalência concentrou-se em mulheres heterossexuais (48,79%) e homens homossexuais (21,96%), evidenciando que mulheres e minorias são as principais vítimas de violência de gênero e discriminação na comunidade acadêmica. Isso indica que a universidade reflete as estruturas sociais mais amplas, onde tais violências integram sua organização.¹¹ Apesar dos avanços, a sociedade ainda carrega marcas patriarcais, e a violência de gênero e discriminação permanecem atingindo mulheres e minorias de diferentes contextos.¹⁹

Os resultados evidenciam que experiências de discriminação e violência de gênero vivenciadas pelos docentes da Unochapecó contribuem para um clima opositor. A presença de assédio sexual e discriminação de gênero cria ambiente hostil e desestimula a participação de mulheres e minorias nas atividades docentes.²⁰ Casos frequentes de assédio verbal e intimidação afetam a saúde mental dos professores e comprometem todo o ambiente acadêmico. A ausência de políticas institucionais eficazes perpetua esse cenário, dificultando denúncias e apoio às vítimas.²¹⁻²² Pesquisas na Inglaterra e nos EUA indicam como principais fatores de violência universitária a cultura do silêncio e a falta de apoio psicológico, que atingem especialmente mulheres e minorias.²³⁻²⁴

O trecho do questionário da pesquisa em questão, apresentado a seguir, “[...] *qualquer mulher que expressar isso será considerada com mania de perseguição, descontrolada, nervosa* [...]” (P1), reforça os estudos encontrados na literatura. A pesquisa realizada no Reino Unido, destaca que a violência e a discriminação não apenas afetam a saúde mental das vítimas, mas também prejudicam o ambiente educacional na totalidade, levando a um clima de medo e desconfiança.²⁵

Sob o prisma da igualdade de gênero, destacamos um trecho da fala da participante: “[...] *o que mais vejo atualmente são professores que têm um discurso de igualdade de gênero, mas invalidam professoras, desrespeitam gestoras* [...]” (P1). Este depoimento remete à metáfora “*glass ceiling*” (teto de vidro) da escritora Marilyn Loden²⁶, usada por ela em um discurso no ano de 1978, ao simbolizar uma barreira que impede as mulheres e minorias cheguem aos cargos mais altos das

organizações que trabalham, ainda sendo perceptível nas organizações trabalhistas, geralmente imposta por homens.

Convém ainda registrar outro trecho da pesquisa que reitera a discriminação de gênero, *“Quando é feita distinção injusta ou preconceituosa entre pessoas por causa do gênero, por exemplo, quando uma pessoa recebe um salário menor do que outra numa mesma função por causa de seu gênero”* (P6). Isso fica evidente quando a mulher, continuamente, ainda é imposta sob uma série de comparações nos mais diversos âmbitos, moldada sob a ótica de uma cultura sexista, incluindo a diferenciação salarial entre homens e mulheres e a destinação, para elas, das maiores fatias de trabalho informal, mal remunerado e não qualificado.²⁷

No presente estudo, 26,7% dos docentes relataram ser tratados com menos gentileza algumas vezes ao ano e 33,3% sentiram que outros agiam como se fossem superiores, evidenciando ambiente hostil que compromete autoestima e dignidade profissional. Tal cenário pode refletir dinâmicas de poder e preconceitos de gênero ou classe. A violência moral, caracterizada por comportamentos que humilham ou marginalizam, manifesta-se na falta de gentileza e percepção de superioridade.²⁸ Ressalta-se, contudo, que nem todo conflito configura assédio moral; para tal, é necessário considerar tempo e repetição dos atos.²⁹

Outro dado encontrado na pesquisa é que, 16,7% dos professores, se sentiram ou são ridicularizados, caluniados e difamados. Nesta perspectiva evidenciou-se que o desconhecimento do fenômeno ou a incapacidade de identificação de situações características de assédio moral, sendo geralmente interpretadas como “brincadeiras” levam o professor a ser mais uma vítima desta violência silenciosa.³⁰ A violência moral pode trazer sérios agravos à saúde do trabalhador, principalmente, danos psicopatológicos, tais como, a ansiedade, a insegurança, a depressão, a apatia, a mudança de humor e os pesadelos.²⁹

Os depoimentos dos pesquisados, reiteram a importância de ações educativas no ambiente universitário, a exemplo do projeto Acolhe Uno *“[...] ações contínuas com funcionários e alunos, de conscientização, bem como advertências e punições quando ocorrerem casos do tipo”* (P7), e *“[...]melhorar a educação, políticas claras, igualdade salarial, redes de apoio”* (P10). Neste contexto, a Universidade do Equador, desenvolve projetos entre pares (discentes-docentes), com ações voltadas para a promoção da saúde do segmento populacional do *Campus*, apresentando categorias determinantes de um ambiente saudável, nas quais buscam a prevenção da violência e da discriminação de gênero.³¹

Por fim, a violência é gerada, também, pela incapacidade de indivíduos e grupos em lidar com as frustrações, aceitação de diferenças, e fragilidades em assumir pressões vivenciadas no

cotidiano. Outrossim, essas atitudes não se constituem unicamente de questões institucionais, mas abrangem também outros contextos, como família, mídia, economia, que juntos refletem no interior das relações pedagógicas, podendo desencadear situações geradoras de conflito.

CONCLUSÃO

Diante da relevância perpetuada pela violência no cenário mundial, bem como na saúde pública, este estudo demonstrou que a violência e discriminação se mostram ainda enraizadas em nossa sociedade, inclusive nos espaços universitários, afetando principalmente mulheres e minorias. Destaca-se que a violência de gênero e a discriminação está presente no cotidiano dos professores no ambiente universitário, sendo vivenciada por eles.

Dada a relevância da temática, os resultados encontrados e as fragilidades em discutir o tema abertamente, além da insegurança e desconforto em abordar um assunto tão importante, porém delicado. Destaca-se a importância da adoção de projetos de extensão permanentes como o Acolhe Uno, que tenciona sensibilizar a comunidade acadêmica para ações de cuidado, educação e prevenção às situações de violência e conflitos de gênero, com vistas à construção de um ambiente universitário que respeite a diversidade e que garanta os direitos e deveres da coletividade.

Estima-se que iniciativas dessa natureza são indispensáveis para a diminuição da violência e conflitos de gênero nas próximas gerações, sendo os espaços universitários importantes precursores políticas que visem à criação de ambientes de trabalho mais justos e respeitosos, garantindo o direito de todos à dignidade e à igualdade de oportunidades. As ações futuras devem incluir a conscientização sobre o impacto dessas práticas e o desenvolvimento de mecanismos eficazes para denunciar e combater tais comportamentos, promovendo uma cultura institucional baseada no respeito e na inclusão.

A partir da realização dessa pesquisa, propõe-se que estudos similares sejam realizados em outras realidades institucionais, dentre públicas e privadas, visando aumentar o enfoque do tema que é tão pouco falado e também a promoção da qualidade de vida individual e coletiva no ambiente universitário. Sugere-se também que seja efetuado estudos sobre a percepção da instituição, por meio de seus gestores, para com a violência e discriminação de gênero, compreendendo quais ações podem ser adotadas perante as ocorrências, a prevenção e ao combate delas.

Ainda, é importante destacar as limitações encontradas na pesquisa, sendo a baixa adesão dos professores no estudo, onde o conhecimento sobre o assunto é de suma importância. Além disso, destaca-se uma escassez literária nacional atualizada sobre a temática estudada na perspectiva de violência no ambiente universitário.

REFERÊNCIAS

1. Harnois CE, et al. Medindo os maus-tratos percebidos em diversos grupos sociais: uma avaliação da escala de discriminação diária. *Soc Sci Med*. [Internet]. 2019 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];232. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027795361930276X>.
2. Dahlberg LL, Krug EG. Violence – a global public health problem. *Cienc Saude Coletiva*. [Internet]. 2006 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];11(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200007>.
3. Njaine K, Assis SG, Constantino P, organizadores. Impactos da violência na saúde. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2009.
4. Abramovay M. Escola e violência. [Internet]. Brasília: UNESCO; 2002 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000070.pdf>.
5. Freitas DF, et al. Adaptação da escala de discriminação quotidiana para jovens portugueses. *Psicol Reflex Crit*. [Internet]. 2015 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/cyHf76BDd5zBrxg7fc4dXWw/?lang=pt>.
6. Schmitt MT, et al. The consequences of perceived discrimination for psychological well-being: a meta-analytic review. *Psychol Bull*. [Internet]. 2014 [cited 2026 Feb 4];140(4). Available from: <https://doi.org/10.1037/a0035754>.
7. Lewis TT, Cogburn CD, Williams DR. Self-reported experiences of discrimination and health. *Annu Rev Clin Psychol*. [Internet]. 2015 [cited 2026 Feb 4];11. Available from: <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032814-112728>.
8. Guimarães MC, Pedroza RLS. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicol Soc*. [Internet]. 2015 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];27. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Dr7bvbkmvcYSTwdHDpdYhfn/?lang=pt>.
9. Saffioti HIB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad Pagu*. [Internet]. 2016 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];16. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644541>.
10. Plassa W, Paschoalino PAT, Bernardelli LV. Violência contra professores nas escolas brasileiras: determinantes e consequências. *Nova Econ*. [Internet]. 2021 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];31(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6351/5798>.

11. Souza L. Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista. Agência Brasil. [Internet]. 2019 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>.
12. Williams DR, Mohammed SA. Discriminação e disparidades raciais na saúde: evidências e pesquisas necessárias. J Behav Med. [Internet]. 2009 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];32. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10865-008-9185-0>.
13. Baptista MN, Campos DC. Metodologias de pesquisa em ciências: análise quantitativa e qualitativa. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC; 2018.
14. Unochapecó. Conhecimento pulsante: conheça nossa estrutura. [Internet]. YouTube; 2023 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmO95CyzBg>.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União. [Internet]. 2012 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
16. Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. Brasília: Ministério da Saúde; 2021. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf.
17. Brasil. Decreto nº 7247, de 19 de abril de 1879. Reforma do ensino primário, secundário e superior no município da Corte em todo o Império. Coleção de Leis do Império do Brasil. [Internet]. 1879 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>.
18. Andrade AO, Martins ACL, Medeiros MX. Violência estrutural de gênero no Amazonas: análise a partir das experiências da comunidade acadêmica. In: Barroso MF, organizador. Violência contra as mulheres nas universidades. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; 2021.
19. Furlin N, et al. Violência de gênero contra as mulheres em universidades: análise da produção científica. Contexto Educ. [Internet]. 2024 [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://www.revistas.unijuí.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/13870>.
20. Silva VMP, et al. Violência de gênero no espaço universitário. Cogitare Enferm. [Internet]. 2021 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];15(2).

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/J4JnQfQCFFF95TybtkdfyZs/>.

21. Husu L. Sexism, support and survival in academia. *Soc Psychol.* [Internet]. 2001 [cited 2026 Feb 4];8(2). Available from: <https://doi.org/10.1177/1350506801008002004>.
22. Morley L. The gendered politics of higher education: a critical review. *J Gender Stud.* [Internet]. 2014 [cited 2026 Feb 4];23(2). Available from: <https://doi.org/10.1080/09589236.2014.899492>.
23. Kloppenburg L, et al. The impact of sexual harassment on academic staff: a qualitative study. *BMC Womens Health.* [Internet]. 2021 [cited 2026 Feb 4];21(1):80. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8582003/>.
24. Lamont RA, et al. Sexual harassment and misconduct in academia: a systematic review. *J Higher Educ.* [Internet]. 2021 [cited 2026 Feb 4];91(4). Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9448376/>.
25. Ekezia W, et al. Health and social care experience and research perception of different ethnic minority populations in the East Midlands, United Kingdom. *Health Expect.* [Internet]. 2023 [cited 2026 Feb 4];27(1):e13944. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10733974/>.
26. Loden M. Glass ceiling. Coachability Foundation. [Internet]. 2021 [cited 2026 Feb 4]. Available from: <https://www.coachabilityfoundation.org/post/glass-ceiling-by-marilyn-loden>.
27. Lima CRNA. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. *Estud Fem.* [Internet]. 2018 [acesso em 4 de fevereiro de 2026];26(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n347164>.
28. Brasil. Violências patrimonial, moral e psicológica contra a mulher. Portal Gov.br. [Internet]. [acesso em 4 de fevereiro de 2026]. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/violencias-patrimonial-moral-e-psicologica-contra-a-mulher>.
29. Fundação Oswaldo Cruz. Assédio moral, sexual e outras violências no trabalho: prevenção e enfrentamento na Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2014. Disponível em: https://coc.fiocruz.br/wp-content/uploads/2024/03/cartilhaassedio_fiocruz_final_selo_2.pdf.
30. Nunes TS. Assédio moral no trabalho: o contexto dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2011. Disponível em: <https://>

repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/
123456789/95904/288978.pdf.

31. Rivadeneira MF, et al. Experiencia y resultados de un proceso educativo interdisciplinario para la promoción de salud en universitarios. Hacia Promoc Salud. [Internet]. 2020 [cited 2026 Feb 4];25(2). Available from: <https://doi.org/10.17151/hpsal.2020.25.2.12>.

Notas de autor

rafaela.breansini@unochapeco.edu.br

Información adicional

redalyc-journal-id: 5057

PREVIEW VERSION



Disponible en:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505783104048>

Cómo citar el artículo

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista en redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc
Red de revistas científicas de Acceso Abierto diamante
Infraestructura abierta no comercial propiedad de la
academia

Rafaela Breansini, Jucimar Frigo, Vanessa da Silva Corralo

**Prevalência e fatores associados à vitimização da
violência de gênero e discriminação entre professores**

Prevalence and factors associated with victimization of gender-
based violence and discrimination among teachers

Prevalencia y factores asociados a la victimización por violencia
de género y discriminación entre profesores

Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

vol. 18, e-14524, 2026

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
rpcfo@unirio.br

ISSN-E: 2175-5361

DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v18.14526>



CC BY-NC-SA 4.0 LEGAL CODE

**Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-
CompartirIgual 4.0 Internacional.**